

O IMPULSO LÚDICO, A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E A CULTURA MIDIÁTICA ESPORTIVA: ESBOÇANDO APROXIMAÇÕES E POSSIBILIDADES

Cristiano Mezzaroba¹

Universidade Federal de Sergipe – UFS
SE, Brasil

RESUMO: O ensaio procura refletir e analisar possibilidades de experiência estética via cultura midiática esportiva, com o esporte tomado como entretenimento, enquanto produto mercadológico e em seu formato espetacularizado, pensando-o como algo constituidor de algum impulso lúdico que provoca e afeta os sujeitos espectadores (presencialmente ou mesmo tecnologicamente) pela sua dimensão estética, considerando sua forma, beleza e poder sublime. As reflexões situam-se no campo da Filosofia, da Educação e da Educação Física (EF) e podem permitir identificar potências para uma educação estética em torno do esporte, seja para aqueles que atuam na EF como também àqueles que se preocupam com formação de público e com educação para o lazer.

Palavras-chave: Experiência estética. Cultura midiática esportiva. Impulso lúdico.

THE LUDIC IMPULSE, THE AESTHETIC BEAUTY EXPERIENCE AND THE SPORTS MEDIA CULTURE: OUTLINING APPROACHES AND POSSIBILITIES

ABSTRACT: This essay aims at reflecting and analyzing possibilities of aesthetic experience via sports media culture, looking at sports as a form of entertainment, considering them a marketing product and taking them in consideration in their spectacularized format, thinking about them as founders of some ludic impulse that provokes and affects the subjects, who are their viewers – in person or technologically – through their aesthetic dimension, considering their form, beauty and sublime power. The reflections are located in the field of Philosophy, Education and Physical Education (PE) and can help identify potencies to an aesthetic education around sports for those who work with PE and for those who care about public education and education for leisure.

Keywords: Aesthetic experience. Sports media culture. Ludic impulse.

EL IMPULSO LÚDICO, LA EXPERIENCIA ESTÉTICA Y LA CULTURA MEDIÁTICA DEPORTIVA: ESBOZANDO APROXIMACIONES Y POSIBILIDADES

¹ Licenciado em Educação Física e Ciências Sociais/UFSC; Mestre em Educação Física/UFSC; Doutorando em Educação/UFSC; Labomídia/UFS/UFSC; Grupo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea; Professor DEF/CCBS/UFS. cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

RESUMEN: El ensayo pretende reflexionar y analizar las posibilidades de la experiencia estética a través de la cultura mediática deportiva, con el deporte tomado como entretenimiento, como produto mercadológico y en su formato espectacularizado, pensándolo como algo que se constituye de algún impulso lúdico que provoca y afecta a los sujetos espectadores (presencialmente o incluso tecnológicamente) por su dimensión estética, teniendo en cuenta su forma, belleza y poder sublime. Las reflexiones se encuentran en el campo de la filosofía, de la educación y de la Educación Física (EF) y pueden ayudar a identificar potencias para una educación estética en el deporte, sea para aquellos que trabajan en la EF, así como aquellos que se preocupan con la formación de público y con la educación para el ocio.

Palabras-clave: Experiencia estética. Cultura mediática deportiva. Impulso lúdico.

Considerações iniciais

Os escritos contidos nas reflexões que seguem, caracterizado como um ensaio, configuram-se a partir dos pressupostos daquilo que Adorno (2003), em “O ensaio como forma”, aponta como exercício experimental e intelectual em pensar um objeto específico e sua relação com a experiência individual do autor, aqui, neste caso, um objeto entre os campos da estética e da educação, que mais adiante será explicitado.

Ao tratar do preconceito alemão quanto à forma ensaística, principalmente pelo aspecto subjetivo e pouco “racionalizado” das opiniões e críticas que constituem um texto ensaístico, Adorno nos oferece uma lista interessante quanto às maneiras para que um ensaio tenha força como texto e como crítica do tempo presente, não pelo seu caráter inovador ou de vanguarda do objeto que é tratado, mas pela nova forma (exaustiva) de se “tocar” tal objeto já existente, como se fosse um *jogo lúdico* entre as palavras.

A “provisoriedade” e a “incompletude” são dois desses elementos que caracterizam um ensaio. Não se pretende um conhecimento puro, imutável, eterno, tampouco completo e inquestionável nas suas certezas. Pelo contrário, o ensaio apenas traz reflexões provisórias sobre possibilidades quanto ao tempo presente a partir da experiência intelectual (um terceiro elemento) deste pesquisador que faz de si mesmo o palco da experiência intelectual.

Adorno (2003) também comenta sobre o estilo desobediente às regras cartesianas de *composição* na elaboração de um ensaio. Para ele, o ensaio deve ignorar o que é “simples” e o que é “complexo”, virando e revirando o objeto, questionando-o, apalpando-o, submetendo-o à reflexão. Quando consideramos nossa imersão cotidiana na mídia (com a presença desses veículos, discursos, imagens, textos e produtos em nosso dia a dia, em nosso lazer, em nosso entretenimento) e a onipresença dela em nossas vidas (fenômeno que tem se intensificado com a internet e aumento do uso das redes sociais), podemos considerar que esse exercício de pensar uma certa possibilidade de experiência estética via cultura midiática (pelo grau de proximidade e

pela interpretação quase imediata que costumamos ter/ouvir de que nesses “espaços midiáticos” nada de bom e útil é produzido/circula, pelo empobrecimento cultural que perpetuam), faz com que dificuldades sejam apresentadas ao “mergulhar” ao objeto, já que o mesmo está naturalizado e temos dificuldade de “estranhá-lo”, no linguajar antropológico.

Não considerando um determinado produto midiático (esportivo, por exemplo) como obra de arte, dado que não é, porque antes de tudo é entretenimento, seria possível pensá-lo como algo constituidor de algum impulso lúdico que afeta os sujeitos pela sua dimensão estética, considerando sua forma, sua beleza e seu poder sublime? Os esportes, sabemos, não são arte, mas possuem uma dimensão estética importante, como bem sustenta Grumbrecht (2007) e Welsch (2001), em que, para este último, no momento que estamos vivendo, podemos pensar a admissibilidade de o esporte ser visto esteticamente como arte.

Feitas essas primeiras considerações quanto ao ensaio, partimos agora às intenções que são pretendidas nessas reflexões, como uma “intenção tateante”, ainda parafraseando Adorno, que são oriundas das leituras e discussões sobre Estética e Educação e pensadas na atuação profissional e investigativa deste pesquisador, que é o campo da Educação Física (EF), em especial da cultura midiática esportiva e implicações na sociedade e na escola.

E é neste sentido que nos arriscaremos e experimentaremos aqui neste ensaio, sabendo-se do cuidado que se deve ter em fazer transposições conceituais da estética para a educação. Em relação a Schiller (2014), identificaremos e refletiremos sobre elementos de sua obra, em especial o impulso lúdico, com questões-chave para se pensar a experiência estética. Há que se considerar, com isso, que existe uma transposição entre campos distintos (filosofia e educação), e, além disso, se articulará tal experiência estética via cultura midiática esportiva.

Fischer (2007, p.296) também nos auxilia nesse trabalho de pensar o tempo presente e suas possibilidades com a dimensão tecnológica, em associação com seus aspectos simbólicos e, talvez, estéticos, oriundos das imagens e discursos:

[...] o fato é que à dimensão tecnológica se associa sempre uma dimensão simbólica fundamental. Ou seja, estudar as imagens, os processos de produção de materiais audiovisuais, as diferentes formas de recepção e uso das informações, narrativas e interpelações de programas de televisão, filmes, vídeos, jogos eletrônicos, corresponderia, ao meu ver, a práticas eminentemente pedagógicas e indispensáveis ao professor que atua nestes tempos. Isso porque há todo um trabalho de simbolização, no lugar daquele que imagina, planeja, [...], assim como há um trabalho permanente de simbolização, no lugar daquele que se apropria do que vê e ouve a partir das diferentes mídias.

Acredito que enquanto agente do campo educacional e particularmente do campo

da EF – o qual tem o *esporte* como elemento proeminente – e como pesquisador, no difícil exercício (antropológico) de desnaturalizar práticas cotidianas, estranhando-as, e no exercício (sociológico) de pensar o conjunto de práticas sociais como algo marcante para um dado tipo de sociedade, bem como na tentativa (filosófica) de me apropriar da questão da estética, tem-se aí um cenário que configura este ensaio: experimentando a construção filosófica do “impulso lúdico” em Schiller (2014), seria possível relacionar tal conceito com possibilidades de experiência estética a partir/através da cultura midiática esportiva? Tais considerações são necessárias diante do contexto do lazer tomado como entretenimento e permeado por discursos, imagens e produtos sobre a cultura esportiva.

O impulso lúdico na educação estética em Schiller

Para Suassuna (2014, p. 80), Schiller “foi um grande pensador nos domínios da Estética”, além de ter sido poeta e dramaturgo, e “é ainda importante nas investigações estéticas porque formulou uma teoria, retomada depois sob outros termos pela Estética fenomenológica: a da *aparência estética*.” (Idem, p. 81).

Schiller (2014), em sua teoria estética, traz um interessante elemento que pode permitir auxiliar nas considerações que são traçadas neste ensaio. Ele nos fala em “impulso lúdico”, ele é “jogo”, o qual é elemento da cultura humana, e permite ligar duas características humanas: a razão e a sensibilidade.

Nesses breves apontamentos, são selecionadas passagens em algumas cartas que compõem aquilo que Schiller (2014) denominou de “educação estética”. Ao total, a obra é constituída por 27 cartas, sendo que aqui neste ensaio são utilizadas 7 delas, em especial as Cartas XIV e XV, por permitirem uma ampliação da discussão referente ao impulso lúdico.

Conforme Suzuki (2014, p. 11), Schiller busca um fundamento objetivo para o belo, bastante pautado a partir da obra de Kant: “a estética de Schiller é animada por esse desejo de ver ‘o mais eficaz de todos os móveis, a arte formadora de almas, elevado à condição de uma ciência filosófica’”.

A ideia de “jogar” é uma constante nas cartas, ao pensar o homem. Trata-se do que Schiller (2014, p. 14) chama de “impulso lúdico”, uma forma de potencialidade de afloração e exacerbamento do universo lúdico, que indica “um estado de liberdade para o homem.”

Antes de passarmos à discussão das Cartas XIV e XV que contêm o “núcleo” sobre o impulso lúdico, vejamos alguns fragmentos que Schiller (2014) aponta sobre isso. Na Carta VIII, ele escreve que “impulsos são as únicas forças motoras no mundo sensível” (Idem, p.45). Schiller pensa tais impulsos como forças motrizes para uma formação de sensibilidade que afeta a vida humana: “A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque

desperta para a própria melhora do conhecimento.” (Idem, p.46).

Em outro momento, na Carta XII, Schiller (2014, p. 59-60) vai falar sobre duas forças opostas que nos movem, sendo o primeiro tratado como o “sensível” (sensação) e o segundo o impulso “formal”: “Enquanto o primeiro impulso constitui apenas casos, o segundo fornece leis – leis para todos os juízos no que se refere a conhecimentos, para todas as vontades no que se refere a ações.”

Depois, na Carta XIV, Schiller (2014) trará o conceito de “ação recíproca entre dois impulsos”, informando que um atua sobre o outro, denominados, um como “impulso sensível” e o outro como “impulso formal”. Conforme Schiller (2014, p.70):

O impulso sensível quer que haja modificação, que o tempo tenha conteúdo; o impulso formal quer que o tempo seja suprimido, que não haja modificação. [...] O impulso sensível quer ser determinado, quer receber o seu objeto; o impulso formal quer determinar, quer engendrar o seu objeto; o impulso lúdico, então, empenha-se em receber assim como teria engendrado e engendrar assim como o sentido almeja por receber.

Na Carta XV, Schiller (2014) comenta sobre o “objeto do impulso sensível”, que é a vida; o “objeto do impulso formal”, que é a forma; e o “objeto do impulso lúdico”, que é a forma viva. Segundo Schiller (2014, p.73), “a beleza não é nem estendida a todo o âmbito do que é vivo nem se encerra nele. [...] Somente quando sua forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o caso quando o julgamos belo.” Sugere haver uma “gênese da beleza”, para isso, estabelece uma “lei”: “deve haver uma beleza” (Idem, p.74), e essa beleza “não pode ser exclusiva e meramente vida [...] nem pode ser mera forma” (Idem, p.74). Finaliza exaltando a questão dos Jogos, na Grécia e em Roma, afirmando que “o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga.” (Idem, p.76).

Depois, em outras cartas, como por exemplo, a Carta XX, Schiller (2014, p.97) vai considerar que o “impulso sensível, portanto, precede o racional na atuação, pois a sensação precede a consciência, e nesta *prioridade* do impulso sensível encontramos a chave de toda a história da liberdade humana.”. Na Carta XXV, Schiller afirmará que é apenas no estado estético que há contemplação: “A contemplação (reflexão) é a primeira relação liberal do homem com o mundo que o circunda.” (Idem, p.119). Para ele, ainda, a passividade, na contemplação do belo, não exclui a atividade: “a beleza serve-nos como prova decisiva de que a passividade não exclui a atividade, nem a matéria exclui a forma, nem a limitação a infinitude.” (Idem, p.121). E por último, entre as cartas que aqui elegemos, a Carta XXVI, em que Schiller (2014) destaca a disposição estética da mente, considerando que: “O que vemos pelo olho é diverso do que sentimos; pois o entendimento salta por sobre a luz em direção dos objetos. O objeto do tato é uma força que sofremos; o do olho e do ouvido é uma forma que engendramos.” (Idem, p.125). E

ainda: “O desenvolvimento precoce ou tardio do impulso estético para a arte dependerá do grau de amor com que o homem seja capaz de deter-se na mera aparência.” (Idem, p.125).

Finalizando tais discussões sobre o impulso lúdico, trazendo a discussão ao objeto em exame, poderíamos problematizar, a partir do impulso lúdico, como um elemento primeiro de uma experiência estética a partir da cultura midiática esportiva? Isso seria possível? De que modo? Quais limitações e quais possibilidades?

O esporte enquanto fenômeno da contemporaneidade é um produto mercadológico, pautado intensamente pela lógica do entretenimento, entretanto, há algo nele que gera uma “satisfação desinteressada” já que sua prática e principalmente sua assistência (presencialmente ou midiaticizada) produz um certo nível de satisfação – pessoal e coletiva – que no fundo é “desinteressada”. O jogo termina e o que temos? Visualizamos e experienciamos um conjunto de emoções, de sentimentos, a “economia” no âmbito individual não está centrada em dinheiro, em valores econômicos. Há uma fruição, um desejo, um prazer, um desencanto, um ganho simbólico, uma perda, mobilização (ou imobilização) de certos movimentos internos.

Estética e a experiência estética: aproximações no debate com a cultura midiática (esportiva)

Neste tópico abordaremos sobre a estética e a experiência estética, procurando chegar nas possibilidades com o esporte. Sabemos, de antemão, que a fruição estética na arte é uma coisa, no esporte é outra. Entretanto, consideramos que se a estética tem a ver com uma forma capturada e produzida pelos sentidos, há uma maneira na atualidade como interpretações e significações sobre o corpo se constituem. Isso acontece, também, via esporte, impactando em modos subjetivos sobre corpo, movimento, performance, valores humanos e morais que, de alguma forma, é possível pensar numa (experiência) estética esportiva na contemporaneidade, inclusive aquela que nos aproxima de uma virtualização, por meio da mídia em seu conjunto de veículos.

Antes de seguir, é importante entender o que é a estética. Quando recorremos a Abbagnano (2007), vemos que no próprio verbete há uma extensão quando se trata de definir o conceito, visto que são sete páginas para tratar do termo. Resumidamente, Abbagnano (2007, p. 367) define que “Com esse termo designa-se a ciência (filosófica) da arte e do belo.”

Ao trazer um panorama histórico sobre o termo/conceito, comenta o início dessa trajetória com Baumgarten (1750) e depois Kant, com o “juízo estético”, que é um juízo sobre a arte e sobre o belo. Para este último, o que existe é uma “faculdade de julgar”, que é subjetiva porque envolve a dimensão do sensível. Kant vai tentar encontrar no “gosto” regras que não sejam empíricas e que não sejam teóricas.

De maneira esquemática, Abbagnano (2007) circulará, na sua tentativa de expor

a problemática da estética neste verbete, em torno de três questões, que, para ele, são problemas no domínio da estética:

- 1) relação entre a arte e a natureza (e abordará sobre a arte como imitação, como criação e como construção, esta última predominando na estética contemporânea);
- 2) relação entre a arte e o homem (arte como conhecimento, como atividade prática e como sensibilidade);
- 3) função da arte (arte como educação e como expressão).

Para Kant, a faculdade de julgar relaciona-se com dois princípios, algo que permita relacionar o universal e o particular. Há algo que tem uma fonte interna e outra que é de ordem histórica. No sistema de Kant, há três faculdades irreduzíveis: a faculdade de conhecer, uma faculdade quanto ao sentimento de prazer e de aflição, e uma faculdade de desejar.

Kant apresenta quatro aspectos do julgamento do gosto que levarão a quatro definições complementares do belo, segundo Lacoste (2011). São eles: (1) qualidade – “o belo é o objeto de uma satisfação desinteressada” (p.30), algo bastante individual que se relaciona aos sentimentos de prazer e de sofrimento; (2) quantidade – é belo aquilo que agrada universalmente, sem um conceito a priori; (3) relação – considerar que no julgamento estético a beleza é uma finalidade sem fim; e (4) modalidade – “É belo o que é reconhecido sem conceito como objeto de uma satisfação necessária.” (p.34).

Sobre o pensamento kantiano, Suassuna (2014, p. 79) considera que o que está em jogo não é a dimensão intelectual, e sim a fruição da beleza pela imaginação, “a Beleza é construída pelo espírito do contemplador, os objetos não são mais nem belos nem feios”.

Um interessante artigo que historiciza a discussão sobre estética é o de Carvalho (2010). Retomando a discussão primeira sobre estética, a partir de Baumgarten, que originalmente agrupa a arte, a beleza e a sensibilidade humana para originar o que é a estética em seu sentido primeiro e filosófico, o referido autor aborda os desdobramentos contemporâneos do que hoje podemos considerar ser a estética, ou seja, seu aspecto contextual, flexível e dinâmico: “[...] a estética não pode ser confinada em um conceito, mas requer um contexto, ou circunstancialização histórica, em que pode tornar-se operatória, fazendo algo emergir, cultivando algo, gerando cultura. (Idem, p.79)

Há uma ampliação, nesse sentido, na contemporaneidade, do que podemos considerar ser a estética: um alargamento, uma flexibilização, uma dinamicidade. Se outrora apenas a arte era considerada esfera da estética, pois “[...] a arte era o lugar privilegiado da beleza, uma vez que ela visava produzir as representações perfeitas” (Idem, p. 75), há que se considerar que, na atualidade, “o estético orchestra um entrelaçamento de disposições humanas com objetos, mediante a conversão dos objetos em uma mola mestra para continuamente ativar a interpenetração dos sentidos, fazendo-

os produzir novas e imprevisíveis configurações de visualizar e idear.” (Idem, p. 80). Ademais, segundo este mesmo autor, “A estética faz uso do potencial humano para estruturar e trabalhar o meio ao qual estamos expostos, e hoje, embora ainda seja um traço da obra de arte, o estético estendeu sua atividade a vários domínios da vida.” (Idem, p.81).

Por outro lado, enquanto há esse alargamento em torno da estética, conforme o diagnóstico de Pagni e Gelamo (2010) há uma desqualificação da experiência na contemporaneidade, um empobrecimento se considerado o âmbito da vida social:

[...] essa desqualificação da experiência, como condição necessária à formação humana e ao pensar que o sujeito exerce sobre si mesmo, a fim de melhor se conduzir no mundo, passa a circular nos diversos campos que permitem a interação entre a vida e a ação consciente, dentre os quais a educação. (Idem, p.vii)

Diante desses paradoxos e contradições, seria possível, mesmo que forçosamente, pensar numa experiência estética nesse momento atual a partir daquilo que é oferecido culturalmente como produtos culturais deste nosso tempo presente, enquanto elementos com algum caráter que façam sentido, também, ao campo da educação? Haveria alguma saída, ou, conforme as palavras de Pagni e Gelamo (2010), “condições de possibilidades” à prática educativa tendo esses elementos como centralidade para se retomar a experiência educativa/formativa/estética?

Pagni (2010) trata de uma tradição quanto às possibilidades de experiência humana, que ele vai chamar de “educação estética do homem”, pautado principalmente por Goethe e Schiller. Nesta concepção, há uma ação dos sujeitos sobre os objetos, “em vistas da criação artística e da poética” (Idem, p. 18), uma busca de conciliação da sensibilidade com a razão, via impulso lúdico. Ainda para Pagni (2010), não se reivindica abandonar a razão e a racionalidade neste tipo de educação, mas um exercício de buscar a experiência: “[...] em busca de encontrar os limites e as possibilidades de a experiência se expressar, em sua relação ontológica com a vida e com a estética da existência.” (Idem, p. 19).

Trombetta (2008), em seu texto “Experiência estética e educação”, abordando a temática da relação entre estética e educação, provoca-nos a pensar sobre a ideia de uma “educação estética”:

[...] as pistas intencionam mais alertar para a necessidade de desenvolvermos (tanto como educadores, tanto como educandos) um espírito de discernimento ao lidarmos com questões estéticas no campo pedagógico, o que significa poder dialogar com objetos que, não obstante estarem sendo veiculados comercialmente, carregam potenciais reflexivos consideráveis.” (Idem, 2008, p. 289)

Diante de tal provocação, poderíamos eleger o esporte como objeto social, enquanto elemento característico e próprio de uma cultura contemporânea, portanto, com forte “energia social”, principalmente quando este objeto é produzido, veiculado e apropriado por um conjunto de aparatos tecnológicos e midiáticos – aqui entendidos como uma cultura midiática – que mercadoriza e publiciza uma forma de corporeidade cujo “gosto” vai sendo formado e homogeneizado pela sociedade em geral?

Num primeiro momento, quando pensamos o esporte como algo estético, poderíamos negar de imediato essa possibilidade, porque esporte não é arte. Todavia, há a experiência esportiva, seja enquanto prática corporal, seja enquanto fruição (no local, ou mesmo midiático, como espectadores), mas há algo ali, naquela manifestação, que configura um gosto atual (e o destaque que têm recebido da mídia é um sinal evidente disso, bem como na venda de produtos, na “fabricação de corpos”, na ênfase com os megaeventos esportivos etc.).

Quando Suassuna (2014) escreve sobre a hierarquia e classificação das artes, explicitando classificações de autores como Nédoncelle e Dessoir, examinando o universo particular das artes, ele aponta que na classificação proposta por Nédoncelle os esportes seriam “artes tácteis-musculares”, juntamente com a dança e a mímica. Nessa mesma classificação, pintura, escultura e arquitetura seriam “artes visuais”; a música e artes da linguagem/literatura seriam “artes auditivas”; e o teatro, o cinema, a ópera e o balé seriam “artes de síntese”.

Tal classificação, segundo Suassuna (2014, p. 284), “traz algumas contribuições interessantes, mas, sob vários aspectos é imprecisa e vaga.” Interessante, aqui, é destacar que o esporte passa a ser incluído como arte. Em relação às limitações, no caso da dança, por exemplo, é que há de se considerar este elemento tanto do ponto de vista corporal, experienciado corporalmente pelas pessoas, e aí se poderia dizer que é uma arte táctil-muscular, mas quando ela é executada por outro e vista por mim, em que me situo na condição de espectador, em que me entrego à contemplação, ela se torna uma arte visual, como a pintura e a escultura.

O mesmo pode valer, apesar da limitação dessa classificação, para o esporte. Suassuna (2014, p. 285) até considera que a classificação de Nédoncelle tem essa “estranha inclusão dos Esportes entre as Artes.” Ao explicar sobre o caso da dança e a criação coreográfica, com a repetição no tempo espaço, garantindo que se torne algo sempre idêntico, permitindo identificá-la como arte, não é assim que ocorre no futebol, modalidade esportiva no qual Suassuna procura estabelecer certa relação explicativa:

Não acontece o mesmo no Futebol. O meio-de-execução deste Esporte é o mesmo da parte-de-espetáculo da Dança – o corpo humano. Mas cada partida de Futebol é diferente da outra; e, apesar de determinados momentos de uma partida poderem alcançar *grande beleza plástica* semelhante à da Dança, não existe, ali, a identidade da mesma obra, durando no tempo, e permanecendo no espaço, porque não existe, nela, a parte-de-criação, a Coreografia, um dos aspectos fundamentais que

caracterizam a Dança como Arte. (Idem, p.285-286, grifos meus)

O argumento utilizado por Suassuna é interessante e válido, entretanto, parece ter esquecido de considerar que semelhante à uma coreografia, a tática – seja no futebol, seja nas outras diversas e distintas modalidades esportivas – também se configura como uma coreografia, com treinamento, com ocupação espaço-temporal do corpo humano com fins específicos. A diferença, talvez, entre a coreografia e a tática, nessa relação entre a dança e o esporte, é que neste último, por sua característica principal, há a competição, há o outro, o adversário, o que modifica a “coreografia” conforme o contexto, gerando a situação contingencial, imprevisível. Sobre isso, Gonçalves (2014, p.179) escreve que: “[...] no esporte nunca se poderá saber de antemão se aquilo que foi ensaiado se realizará.”

Com opinião contrária à de Suassuna (2014), Gonçalves (2014, p.174) apresenta uma analogia bastante elucidativa sobre esse universo estético do esporte:

Assim como na arte, em que um artista repete um gesto, uma fala, um acorde, uma pirueta, uma nota, para poder, enfim, executá-los com perfeição, é preciso também no esporte repetir, repetir e repetir incansavelmente o gesto, no caso, o do passe, para refiná-lo tecnicamente, memorizando-o corporalmente, até que se naturalize, se automatize.

Ainda nessa relação, apesar de claramente Suassuna (2014) questionar a inclusão dos esportes nessa classificação proposta por Nédoncelle, mas agora saindo do futebol e refletindo sobre a ginástica, ele considera:

Deve-se anotar ainda outro fato importante; pode-se criar a Beleza por meio de determinados tipos de Ginástica, e é verdade, também, que o exercício da Dança supõe o domínio do corpo e de seus movimentos. Mas na Ginástica a criação da Beleza será sempre secundária, pois nela o objetivo fundamental a ser alcançado é o aperfeiçoamento do corpo, sucedendo o contrário com a Dança. (Idem, p.286)

A citação acima desconsidera que a dança, partindo dos mesmos pressupostos de um treinamento de alto nível, seja em relação à ginástica ou a outras modalidades esportivas, depende de um corpo eficiente e altamente adaptado e treinável, performático, para realizar suas ações. O aperfeiçoamento do corpo é parte de uma racionalização corporal, característica moderna, que serve tanto para dançarinos de renome e de grupos renomados, como para atletas que se destacam mundialmente com suas performances e seus recordes, tornando-se ídolos esportivos que ultrapassam as fronteiras do universo esportivo.

Tratemos, agora, o tema da “experiência estética”. Para isso, dialogaremos com Pagni (2014), em especial com o capítulo “Outro canto da experiência estética na

educação: a crítica e o sublime na perspectiva adorniana”. Adorno elabora sua filosofia apostando na questão do sublime que Kant deixou como legado, defendendo que aos sujeitos é necessário um processo de autorreflexão sobre si mesmos diante das coisas mundanas. É pela detecção da impossibilidade de experiência, devido à falhas no processo de uma formação cultural completa, que Adorno se colocará contra essa cultura da barbárie e da violência.

Teríamos aí, então, mais uma possibilidade para pensarmos o esporte e sua ambiguidade, assinalada pelo próprio Adorno, quando pensa neste objeto como algo que contém, ao mesmo tempo, algo de violento e que conduz a uma nova barbárie (vejamos manifestações de torcidas organizadas, por exemplo) e também pode permitir aos sujeitos momentos de prazer, de relaxamento, de ludicidade? São pistas que vamos seguindo.

Vaz (2010), ao referir-se às experiências do corpo e da infância, traz uma interessante sugestão quanto a este exercício reflexivo que se tensiona aqui. Ao tratar da questão da cidade como local da experiência, dialogando com Walter Benjamin, comenta a respeito da geometrização do espaço da natureza, trazendo como exemplos os jardins simétricos e o balé, “a geometrização do corpo que transforma o movimento em material estético” (Idem, p.36). Vemos essa delimitação espacial e uma racionalização corporal no universo esportivo de alto rendimento, que costumamos observar como algo comum: nos acostumamos a “olhar” assim a performance máxima desses atletas que transformam um determinado movimento e uma determinada configuração espacial tática em algo “estético”. Vaz (2010) também retoma Benjamin quanto à predominância do olhar, como sentido hegemônico, próprio da experiência moderna.

Conforme Vaz (2010, p.36), Benjamin “observa a reprodutibilidade técnica responsável por uma ampla educação dos sentidos e das condutas, sendo o maior exemplo dos séculos XIX e XX a fotografia, a literatura e o cinema.” Poderíamos incluir aí a televisão e todo esse aparato tecnológico que permite uma efervescência do audiovisual para além do cinema, por exemplo, quando temos, hoje, canais de vídeos (caso do *Youtube*) tendo como princípio a possibilidade de alguma experiência estética a partir da cultura midiática esportiva?

Se outrora o filósofo Walter Benjamin considerava que a “aura” de uma obra de arte estava em seu valor oculto, ou seja, quando mais escondido, menos visto, mais valioso, como poderíamos correlacionar nosso momento presente em que não há nada “oculto” na cultura midiática esportiva? O que percebemos é que ela se caracteriza por ser uma estrutura (material e simbólica) com tudo muito explícito, com uma sucessão de planos de imagens, de sons, textos, deixando muito pouco espaço para pensamento e verdadeira interação. Isso porque, o que temos, é o consumo direto, rápido, momentâneo. Há alguma coisa “na margem” da cultura midiática esportiva que permite alguma experiência estética para além disso que tanto denunciamos sobre ela, com passividade, mercadorização, espetacularização, ideologização etc.? Como isso é montado sem ser

percebido, apesar de produzir muitos efeitos?

Estética e os campos educativo e esportivo

No campo da educação, as relações com as questões estéticas já vêm mais de longa data, configuram-se como um campo, poderíamos dizer, mais consolidado, principalmente pela influência da Filosofia no campo educacional. Vê-se, na atualidade, também uma discussão dos meios de comunicação no debate, com a presença do cinema, do audiovisual, da televisão e da internet – como “máquinas pedagógicas”, que tem alargado e complexificado as possibilidades na relação entre educação e estética, pelo seu potencial estético.

Fischer (2007) problematiza os dispositivos dessa maquinaria contemporânea que entendemos, em seu conjunto, como “mídia”, em especial, a produção de imagens e de discursividades. Para ela, há uma

[...] profunda alteração nos modos de existência contemporâneos, em que práticas cotidianas [...] se transformam, particularmente no que se refere às nossas experiências com os saberes, às trocas com os outros, às formas de inscrever-nos no social, de escrever, de falar, de pensar o mundo e a nós mesmos. (Idem, p. 291).

Ao trazer alguns apontamentos que são resultantes de suas pesquisas nos últimos anos, uma das alterações visivelmente presentes, para ela, é a “[...] crescente miscigenação de linguagens de diferentes meios (cinema, televisão, fotografia, artes plásticas, pintura, computador, Internet), em relação às narrativas de agora – ficcionais, publicitárias, didáticas ou jornalísticas.” (Idem, p. 292). Com isso, a autora aponta a necessidade de “[...] reforçar a urgência de incluir os materiais midiáticos, e suas relações com o social e o cultural, nos debates sobre didática e práticas de ensino” (Idem), defendendo, assim, um “[...] movimento incessante do pensamento no estudo das complexas relações que se podem fazer entre mídia e educação.” (Idem).

Fischer (2007, p. 294-295) nos ajuda a pensar nos elementos que são traçados neste ensaio, que são possibilidades de experiência estética a partir daquilo que é produzido e veiculado por uma cultura midiática:

Ora, nosso presente, hoje, é feito fortemente de narrativas a que temos acesso por nossas relações com a internet e a televisão; é esse presente, com todas as suas metáforas, ícones, modos de simbolizar nossas experiências mais diversas, que opera em nós, acionando memórias, construindo e reconstruindo um jeito de entender o que seria nossa história, pessoal e social.[...] A análise de algumas narrativas da mídia – por exemplo, aquelas referentes à vida de um jogador de futebol ou de uma jovem desportista de ginástica olímpica – pode ajudar a compreender o que digo.

A preocupação de Fischer refere-se à ampliação do repertório dos sujeitos espectadores diante de um universo estético vinculado àquilo que mesmo a mídia “comum” oferece, ampliando as possibilidades de se estabelecer relações, neste caso, entre mídia, estética, educação, esporte e lazer:

[...] apostar na análise das mídias como elementos fundamentais da cultura contemporânea. Significa também arriscar a pensar que há um sem-número de materiais audiovisuais, do cinema, do vídeo e da televisão, em que as escolhas éticas e estéticas dos criadores se pautam pelas incertezas da linguagem, pelo não fechamento das interpretações, pelas pequenas cintilações de uma obra aberta, disponível a um criativo gesto educacional. (Idem, p. 298)

Essa mesma autora, em outro texto, cujo título é “Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética” (FISCHER, 2009), objetivou discutir possíveis modos de se operar, formativamente, com os produtos oriundos do cinema e da televisão, considerando que são instrumentos que permitem uma educação do olhar e, assim, uma “transformação ética e estética de si mesmo” (Idem, p.93). A autora supõe que:

[...] poderia fazer parte importante da formação docente a educação do olhar, a educação de sensibilidade, a educação ética, cuja fonte poderia ser, dentre tantos possíveis, alguns exercícios de imersão nas linguagens audiovisuais: exercícios de entrega aos sons, movimentos, diálogos e cores das imagens do cinema e da televisão; exercícios de entrega a narrativas que fogem aos esquemas convencionais das chamadas *estruturas de consolação*. (Idem, p. 94)

Amparada naquilo proposto pelo filósofo francês Michel Foucault, em “A hermenêutica do sujeito”, Fischer (2009) expõe que é possível discutir temáticas sobre a formação do sujeito – de “elaboração de si” e “transformação de si” “a partir de algo tão prosaico como um programa de televisão.” (Idem, p. 99). Seria possível, dentro de nossas reflexões, ampliar a discussão, pensando, por exemplo, naquilo que é próprio de uma cultura esportiva que passa a ser midiaticizada, indo ao encontro do que se propõe este exercício ensaístico? O que pode permitir – esteticamente falando – abordar, discutir e refletir sobre aquilo que é oferecido pelas mídias em geral sobre esporte?

Fernandes (2015) traz relatos sobre pesquisas realizadas que abordaram o uso do audiovisual e do cinema em espaços culturais e educativos, na tentativa de fazer pensar no papel da escola no processo formativo com o uso dos audiovisuais, ampliando o repertório cultural das crianças e jovens escolares. Nas suas imersões investigativas, utilizando-se dos pressupostos dos estudos culturais latino-americanos, encontrou relatos de crianças e jovens que disseram que filmes e audiovisuais lhes chamaram a atenção, lhes marcaram, acharam interessante. Em síntese, considera que o

audiovisual/filme/cinema tem sua estética própria, e o acesso a isso pode permitir uma ampliação da capacidade dos sujeitos em ler o mundo.

Feita essa rápida abordagem quanto às relações entre o campo da educação com o da estética, passamos agora às relações desta com o campo do esporte e da EF, que já são presentes no cenário acadêmico brasileiro.

Um dos precursores desta tentativa que articula a discussão estética ao esporte e ao campo da EF é Victor Melo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para este autor, é importante considerar que tanto o esporte, como o cinema:

constituem-se como poderosas representações de valores e desejos que permeiam o imaginário do século XX: a superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de um certo conceito de beleza. (MELO, 2003, p. 175)

Em pesquisa realizada por ele, procurou fazer um levantamento da produção de longas-metragens brasileiras entre 1908 e 2002 que trataram o esporte, identificando 3416 filmes, sendo que 134 de alguma maneira tocaram no esporte e 54 deles sendo tema central da obra fílmica. Assim, nessa relação entre cinema e esporte, é possível fazer a seguinte constatação:

Cinema e esporte estão entre as linguagens mais difundidas e acessadas no decorrer do século XX, não só nos seus espaços específicos (as salas de projeção e os estádios), como também em função da ação dos meios de comunicação em geral. Em todas as redes de televisão podemos identificar uma farta programação de filmes e uma grande oferta de programas esportivos. É difícil encontrar algum jornal ou revista de grande circulação que não possua sessões específicas dedicadas tanto ao cinema quanto ao esporte. Vale lembrar também o espaço que os grandes eventos mundiais de ambos ocupam na mídia, notadamente os jogos olímpicos e as copas do mundo de futebol, que geram os maiores índices de audiência mundial, e os festivais de cinema, destacadamente a entrega anual do Oscar. (Idem, p. 174)

Araújo (2012) apresenta reflexões sobre mutações estéticas do esporte presentes no contemporâneo, as quais relativizam a compreensão sobre o esporte moderno. Para isso, utiliza-se da análise de produções cinematográficas para fazer o debate, acreditando que os filmes por ele escolhidos, ao abordarem o universo esportivo, podem ser tematizados porque compõem um imaginário social em transformação (da modernidade a uma modernidade tardia).

Para ele, há uma configuração de uma estética tecnicista a partir da exibição esportiva espetacularizada, que é própria do esporte moderno. Há, por parte dos aficionados e apaixonados pelo esporte, dos (tele)espectadores em geral, algo que

encanta a partir do que é visto naquele corpo esportivo, seja presencial, seja tecnicamente mediado por alguma câmera ou vídeo: “A partir dos diversos fragmentos do cotidiano esportivo atual, seja no cinema, na TV, [...], fica clara a abertura da multiplicidade estética ou de sua abordagem, no esporte contemporâneo que abriu seu leque de significação, de definição.” (Idem, p. 783).

Araújo e Porpino (2007) investigaram a relação estética entre o telespectador e aquilo que o espetáculo esportivo apresenta, na forma de transmissões esportivas televisionadas, e no estudo em questão, sugerem uma atitude reflexiva diante daquilo apresentado pela realidade esportiva em sua forma virtual, caracterizado como o telespetáculo esportivo – o que, novamente, aponta para uma possibilidade de experiência estética diante daquilo que é ofertado pela mídia televisiva.

Em outra investigação de Silva e Porpino (2014), intitulada “Esporte como experiência estética e educativa: uma abordagem fenomenológica”, procurou-se discutir o esporte na compreensão dos significados conferidos à prática esportiva e à experiência estética do atleta como elemento educativo, considerando a dimensão do sensível, em que o corpo em movimento deste atleta se comunica com o mundo (na questão tempo-espaço, no olhar, no contato com o adversário, na busca da vitória ou no entendimento de uma derrota, bem como os gestos técnicos que são realizados para executar as performances). Para tais autores, “[...] mesmo no racionalismo existente no esporte há espaço para o êxtase corporal, que permite que o ser humano, o atleta, e mesmo o espectador explorem o corpo, as sensações, as tensões.” (Idem, p. 71).

Ainda consideram que “É nesse cenário que a estética do esporte tensiona valores sensíveis e educativos numa perspectiva que prima pela espetacularização da performance corporal, mas também pelos sentidos e idiosincrasias que ele manifesta nos jogadores e nos seus apreciadores.” (Idem, p.71) Podemos inferir, então, que mesmo nos espectadores, há alguma coisa (um impulso lúdico?) que os afeta em relação aos seus sentidos quando mesmo mediados tecnologicamente acompanham o espetáculo esportivo pelas mídias diversas.

Uma dessas sensações refere-se à emoção gerada pelo jornalismo esportivo, como constatou Lovisolo (2011). Para este autor, o jornalismo esportivo foi central na constituição daquilo que entendemos por “esporte moderno”, pelo modo como a mídia, de maneira geral, constrói emoções, sensibilidades, modos de recepção e marcos interpretativos, fazendo o público em geral ser informado sobre esporte, tornando-o apreciador e “crítico” deste fenômeno social, ou seja, o fenômeno esportivo. Para Lovisolo (2011, p.93), “Formar o apreciador do esporte significou, e ainda significa, criar suas emoções, fazer com que se emocione com o esporte.” Sugere, também, observar com mais cuidado o que visualizamos em nosso cotidiano quanto ao jornalismo esportivo:

[...] a tremenda expansão ao longo do século XX do jornalismo esportivo somente pode ser entendida se considerarmos a tendência para constituir-se como uma estética e uma arte popular da qual o esporte é uma

dimensão ou campo fundamental. O desenvolvimento do gosto e dos critérios de avaliação dos esportes ocupa um lugar central nessa estética *pop*. (Idem, p.95).

Os jornalistas, para ele, estetizaram o esporte, e ao longo do tempo, essa estética passou a se tornar rotineira na maneira como visualizamos, entendemos e praticamos o esporte. Temos, assim, outro argumento que dá indícios ao nosso problema ensaístico.

Vaz (2001) é outro que nos ajuda a pensar sobre essa problemática, considerando, especialmente, os pressupostos de uma “arqueologia da modernidade” em Walter Benjamin, com as questões do corpo, técnica, experiência, esporte e cinema nesse contexto todo:

Cinema, esporte e guerra constituem uma tríplice expressão do projeto moderno, cujas feições encontram grande radicalidade já na década de trinta desse nosso breve século vinte. [...] Desfiles, comícios, espetáculos esportivos, mas principalmente a guerra, seriam eventos absolutamente adaptados ao maquinário que potencializa o órgão da visão.” (Idem, p. 56).

Em relação ao conjunto de meios de comunicação nesse conjunto da sociedade, o referido autor nos provoca: “Teremos ainda menos respostas se perdermos o espanto – essa capacidade do *flâneur* – ante as novas condições mediáticas, interativas, que colocam nossa percepção, nossos sentidos, frente a frente com novos desafios.” (Idem, p.60).

Sob o ponto de vista educacional e formativo, talvez essas relações entre estética e educação, situadas no campo da EF e das possibilidades que são tensionadas neste ensaio, recaiam naquilo que se pode chamar de “formação do público espectador”, já que, conforme Vaz (2000), o esporte é um dos fenômenos sociais mais marcantes na segunda metade do Século XX, caracterizado pela sua racionalidade e instrumentalidade técnica. Ainda para este autor, amparado na Teoria Crítica, em especial nas teses de Adorno e Horkheimer, o esporte é algo ambíguo, permitindo tanto uma educação no sentido formativo, quanto a continuação de uma barbárie.

Quando pensado sob a ótica da indústria cultural, o esporte é entendido como mais um produto mercadológico, uma maquinaria corporal própria da sociedade moderna, com uma “estética esportiva” que busca o máximo desempenho corporal pela intensidade e funcionalidade. Regras, táticas e técnicas fazem parte deste conjunto da “estética esportiva”, que, quando midiáticos, ganham amplitude em escala mundial: “Nada deve escapar ao olho do espectador, desde que já tenha sido previamente determinado pela especialista. [...] o esporte seria o protótipo da vida inteiramente programada e racionalizada.” (VAZ, 2000, p.20).

Não se pode negar que há um fenômeno de “idiotização” do público quando falamos de transmissões esportivas. Pseudo-especialistas que estimulam violência entre torcidas, que em nome do produto que defendem/vendem, perdem a mínima noção de

bom senso sobre o que comentam (como por exemplo, comparações entre campeonatos, comparações entre jogadores, focos sobre questões pessoais dos atletas etc). Quanto a isso, Vaz (2000) sugere uma “mediação reflexiva”, que poderia levar a uma fruição estética interessante em relação ao esporte. Há o jogo presencial, que permite determinado tipo de percepções e sensibilidades, e há o jogo que acompanho pela televisão, ou seja, com uma mediação tecnológica – cujo foco da câmera obedece a certos padrões e determinações de alguém para mim, cujo texto e cujas narrações e comentários não são neutros, acompanhados de produtos publicitários e interesses diversos que às vezes nem podemos supor integralmente. Seria possível alguma mediação neste sentido, a partir do que a cultura midiática esportiva oferece como entretenimento? Será que além de torcedor, o público espectador poderia ter seu repertório cultural e estético ampliado? Talvez sim, desde que haja uma formação e um “ensino” para tal. Poderíamos pensar que haveria aí uma possibilidade de educação estética (esportiva), pois há algo a ser aprendido para assistir, jogar, torcer, praticar, falar a respeito (não nesses moldes hegemônicos e repetitivos que estamos acostumados).

Gonçalves (2014) também traz suas contribuições para se pensar nesses universos possíveis entre estética e esporte, pela lógica interna dos praticantes e jogadores. Quanto à discussão sobre a formação de público da “obra esportiva”, sustenta que: “[...] haveria também para a obra esportiva, numa espécie de formação de público capaz de conferir novos sentidos ao esporte, que não estejam restritos apenas ao código vitória-derrota, de forma a ser possível, ao assistir e ao praticar esporte, considerá-lo em sua potencialidade em construir formas.” (Idem, p. 184).

Amparada em Gumbrecht (2007), Gonçalves (2014) comenta que há uma fórmula da experiência estética esportiva, que seria “perder-se”, pela concentração (eliminar distrações e estar aberto às coisas novas e inesperadas) e intensidade (amplificação). Além disso, faz uma analogia entre o esporte e os elementos constitutivos da obra de arte na teoria estética adorniana, entre artistas e esportistas. Nesta, considera-se elementos da obra de arte: (a) a matéria – no esporte teríamos o corpo como materialidade manipulável; (b) o material – com o gesto esportivo; e (c) a forma – a imagem resultante da configuração jogo/gesto/performance.

Finalizamos este tópico com Bracht (2012), que na sua recente tese de pós-doutorado, “Corpo, movimento, conhecimento, Educação e Educação Física: uma exploração filosófica” procurou abordar a questão da estética sob o viés da Teoria Estética de Adorno e da experiência estética na hermenêutica de Gadamer, pensando na EF como educação estética. Seu objetivo foi:

[...] realizar a investigação no campo específico da Educação Física, ou seja, a partir das especificidades dessa prática educativa, prospectando a proficuidade e as possibilidades da educação estética nesse âmbito. Mais especificamente, investigando até que ponto e sob qual perspectiva podemos tratar o movimentar-se humano como forma de “conhecer” o

mundo, tratando-o como experiência estética. (Idem, p.13)

Em sua pesquisa de abordagem filosófica procurou “[...] pensar qual o papel que a EF poderia ter num projeto de educação estética uma vez assumida pela escola como uma tarefa importante.” (Idem, p.44). O referido autor considera que há duas principais dificuldades quando pensamos em transpor elementos de uma teoria estética ou da experiência estética para o campo da EF:

- 1) O movimentar-se a partir das práticas corporais tematizadas pela EF não se configuram como obra de arte – embora a tendência atual da *performance* artística possa sugerir uma aproximação. No caso da dança (e do esporte espetáculo), é preciso diferenciar a experiência estética do dançarino daquela do espectador.
- 2) A teoria estética trata mais da nossa relação com uma obra que já está, e no movimentar-se trata-se da experiência em ato – que se esvai nela mesma e não produz obra. (Idem,p.36)

Talvez tenhamos aí mais um necessário ato investigativo: pensar nessa diferenciação da experiência estética daquele atleta que executa sua *performance* e pensar as repercussões dessa experiência também no espectador, e, até mesmo, quando esse espectador procura de alguma maneira mimetizar tais gestos técnicos esportivos.

Apontamentos finais

Há um certo caráter universal e comunicacional do esporte, e sua prática, quando não vinculada à midiatização ou mesmo a critérios, por exemplo, que consideram a necessidade e importância de sua prática para fins higiênicos ou socializadores pode ser pensada como uma realização que pressupõe uma “satisfação desinteressada”. Isso permite uma abertura para o universo lúdico, podendo gerar momentos de entrega, prazer, êxtase, sublimação corporal/emocional. Relação parecida podemos fazer com esse “saber desinteressado” e “inútil” que componentes curriculares como EF e Educação Artística, na escola, se ocupam. Diferentemente de uma previsibilidade e calculabilidade curricular, são dois componentes que podem permitir uma relação e trato com o conhecimento diferenciada.

Não podemos desconsiderar nosso modo contemporâneo, tecnologizado e midiatizado de viver e as implicações que isso tem na vida de cada um e, também, na maneira como isso repercute na escola, no nosso cotidiano (lazer, por exemplo) e na nossa formação como sujeitos, cidadãos e profissionais. Fischer (2007, p.297) examina com atenção essa ambiguidade do tempo presente:

Estudá-las [essas tecnologias ou “máquinas de imagens”], na complexidade

de todas as relações em jogo, de produção e criação, de veiculação e consumo, de fruição e apropriação, significa pensar o tempo presente, dizer a nós mesmos como nos tornamos o que chegamos a ser hoje, sujeitos de determinadas verdades e de certos modos de existência “tecnológica” – vividos como encantamento e fascínio, e ao mesmo tempo como frustração e sensação de impotência.

Bracht (2012, p. 48) escreve que “Trata-se então, de incluir no processo pedagógico a preocupação com a dimensão das experiências estéticas” e complementa:

Se o *gosto é formável*, não se pode deixar que apenas uma crescente indústria cultural filiada à sociedade de consumo opere livremente nesse campo, sabendo modelar e explorar tão bem, ao seu modo, este aspecto da conduta humana. A escola pode acionar os seus mecanismos de interação para auxiliar, pelo menos o ensino de questões básicas, na formação das noções de *gosto*. Dessa forma os estudantes poderão compreender, apreciar e se posicionar melhor frente aos fenômenos da moda. É possível assim liquidar a idéia de uma educação puramente abstrata e desconectada do que se passa no mundo da vida, substituindo-a por uma outra concepção voltada à formação pragmática da sensibilidade humana do modo expressivo, lúdico e corpóreo. (TREVISAN, 2000, p. 300 citado por BRACHT, 2012, p. 48)

Se considerarmos que o papel do ensino e da escola é a transmissão de um certo conhecimento, essa transmissão deve permitir experiências significativas, pressupondo no outro uma potência ativa para conhecer algo construído historicamente; e além disso, deve ser considerada uma educação estética, diante de um mundo que tem seus sentidos cada vez mais atrofiados. Mas talvez os mesmos mecanismos que são responsáveis por tal debilidade podem permitir uma reflexão sobre isso que temos. Conforme nos alerta Rey (1994, p.154), “Há no campo da ‘estética’ possibilidades de aumento de potência que não têm equivalente em outra parte.” Quais seriam ou aonde estariam essas possibilidades de aumento da potência? Não há dúvidas que as respostas podem ser encontradas no campo formativo/atuação pedagógica, para além do que é disponibilizado como mero entretenimento.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Estética. In: _____. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.367-374.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: _____. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003. p.15-45.

ARAÚJO, Allyson C. Transformações do esporte: estética e regime de visibilidade (pós) moderno. **Pensar a prática**, v.15, n.3, 2012, p.773-778. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/viewFile/13687/12067>>. Acesso: 01 out. 2015.

ARAÚJO, Allyson C.; PORPINO, Karenine de O. O sujeito, o esporte e a tv: considerações estéticas e pedagógicas sobre o telespetáculo esportivo. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15 e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2 Olinda/Recife/PE, setembro/2007. **Anais...** 15/2, CBCE, 16-21 set. 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/053.pdf>>. Acesso: 29 jun. 2015.

BRACHT, Valter. **Corpo, movimento, conhecimento, Educação e Educação Física**: uma exploração filosófica. Tese (Pós-doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CARVALHO, Marcus V.C. O surgimento da estética: algumas considerações sobre seu primeiro entrincheiramento dinâmico. **Paidéia**, ano 7, n.9, p.71-83, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1292>>. Acesso: 01 maio 2015.

FERNANDES, Adriana H. O cinema e o audiovisual na educação: reflexões de pesquisas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.8, n.16, maio/agosto 2015, p.181-193. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3959>>. Acesso: 08 outubro 2015.

FISCHER, Rosa M.B. Docência, cinema e televisão: questões sobre a formação ética e estética. **Revista Brasileira de Educação**, v.14, n.40, jan./abr. 2009, p.93-102.

_____. Mídias, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.35, maio/agosto 2007, p.290-299.

GONÇALVES, Michelle C. **Esporte e estética**: um estudo com jogadoras de rúgby. 2014. 225f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/123284/327219.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso: 02 jul. 2015.

GUMBRECHT, Hans U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. **Corpus et Scientia**, ano 7, v.7, n.2, p.91-99, novembro, 2011.

MELO, Victor A. de. Memórias do esporte no cinema: sua presença em longa-metragens brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.25, n.1, 2003, p.173-188, set./2003. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/183>>. Acesso: 01 jul.2015.

PAGNI, Pedro A. (org.). **Experiência estética, formação humana e arte de viver: desafios filosóficos à educação escolar**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p.107-124.

_____. Um lugar para a experiência e suas linguagens entre os saberes e práticas escolares: pensar a infância e o acontecimento na práxis educativa. In: PAGNI, P.A.; GELAMO, R.P. (orgs.). **Experiência, educação e contemporaneidade**. Marília: Poiesis, Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.15-33.

PAGNI, Pedro A.; GELAMO, Rodrigo P. (orgs.). **Experiência, educação e contemporaneidade**. Marília: Poiesis, Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

REY, Jean-Michel. Valéry: os exercícios do espírito. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Artepensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.149-161.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 13. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2014.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2014.

_____. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: Editora Herder, 1963.

SILVA, L.M.F.; PORPINO, K.O. Esporte como experiência estética e educativa: uma abordagem fenomenológica. **Holos**, ano 30, v.5, 2014, p.64-80. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2557/pdf_96>. Acesso: 01 outubro 2015.

SUZUKI, Márcio. O belo como imperativo. In: SCHILLER, F. **A educação estética do**

homem. São Paulo: Iluminuras, 2014. p.9-17.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Filosofia da educação:** mimesis e razão comunicativa. Ijuí: Unijuí, 2000 *apud* BRACHT, Valter. **Corpo, movimento, conhecimento, Educação e Educação Física:** uma exploração filosófica. Tese (Pós-doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

TROMBETTA, Gerson L. Experiência estética e educação. In: DALBOSCO, C.A.; CASAGRANDA, E.A.; MÜHL, Eldon H. (Orgs.). **Filosofia e pedagogia.** Aspectos históricos e temáticos. São Paulo: Autores Associados, 2008. p.275-290.

VAZ, Alexandre F. Educação, experiência, sentidos do corpo e da infância (um estudo experimental em escritos de Walter Benjamin). In: PAGNI, P.A.; GELAMO, R.P. (orgs.). **Experiência, educação e contemporaneidade.** Marília: Poiesis, Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.35-49.

_____. Memória e progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In: SOARES, C.L. (org.). **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001. p.43-60.

_____. Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. **Motus Corporis**, v.7, n.1, p.65-108, 2000.

WELSCH, Wolfgang. Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte? In: ROSENFELD, D.L. **Ética e estética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.142-165.

Endereço para correspondência

Rua Capitão Américo, 103 - B-406
Florianópolis/SC - CEP 88037-060

Recebido em:

28/01/2016

Aprovado em:

12/04/2016

